

**MODALIDADE, ILOCUTÓRIO
E CONSTRUÇÕES LEXICAIS COMPLEXAS:
NOTAS SOBRE O VERBO “DAR”**

Leilane Ramos da Silva (UFS)
leilane-ramos@bol.com.br

A par da idéia de que a língua é uma forma de ação, a singularidade deste estudo reside em apresentar estruturações linguístico-discursivas constituídas com o verbo DAR + nome (ou variações), denominadas de Construções Lexicais Complexas - CLC(D)s, como veiculadoras não apenas de atos de fala, mas também de efeitos modalizadores, que são definidos a par das forças ilocucionárias que nelas são projetadas.

Para dar conta dessa proposta, realçam-se os princípios da Teoria dos Atos de Fala – notadamente a classificação dos atos ilocucionários proposta por Searle (1969, 2002) e a estratificação dos graus de intensidade das forças ilocucionárias tratadas em Vanderveken (1985) – entrelaçados aos da modalização linguística e, para esse peculiar, recorre-se às vozes de Koch (1987), Castilho e Castilho (1993), Cervoni (1989), Neves (2000; 2002), entre outros.

Agora, uma pergunta parece inquietante: o que são Construções Lexicais Complexas – CLCs ou, ainda, CLC(D)s?

Grosso modo, diz-se que uma Construção Lexical Complexa é estrutura lexical constituída de verbo + nome (ou variações) quando essas expressam uma idéia conjunta, como ocorre nos exemplos seguintes: *tomar banho*, *levar bolada*, *dar um duro (na padaria)* e outros.

Como é possível atestar, tais estruturas podem ser reduzidas a só um item lexical, substituindo um verbo pleno. O que significa dizer que, em uma construção complexa, o verbo que a constitui, primariamente com o valor funcional de predicar, perde sua força predicativa e assume um caráter mais gramatical. Em algumas situações, os verbos a que se reduzem essas estruturações apresentam uma relação estreita com o nome (ou variação) que as configuram, como apresentado em *tomar banho* (= banhar-se) e *levar bolada* (bo-

LÉXICO E SEMÂNTICA

lear-se), outras vezes isso não acontece, nos casos cujo sentido veiculado é de caráter mais metafórico, como explícito em *dar um duro na padaria* (= trabalhar muito).

Dessa forma, pode-se afirmar que tais construções são interdependentes da coexistência de elementos formais, semântico-funcionais e, sobretudo, pragmáticos, tendo em vista o contexto discursivo onde elas se realizam. Aliás, a dependência significativa a esse ambiente situacional a que as CLCs estão submissas permite evidenciar os efeitos modalizadores veiculados por essas perífrases verbais.

Considerando-se que o número de registros de CLCs constituídas com o verbo “dar” foi bastante recorrente no *corpus* investigado¹² – um total de 283 ocorrências – e diante do fenômeno da polissemia que atinge esse item lexical (Salomão, 1990), optou-se por descrever tais estruturas lingüísticas com esse verbo (daí a sigla CLC(D) = Construção Lexical Complexa com o Verbo “Dar”).

Enquanto perífrases geradas pela presença de elementos lingüísticos selecionados e organizados pelo falante no momento da interação verbal, pode-se afirmar que as CLC(D)s representam parte integrante de um texto (Koch, 1987) e podem acionar “atos de fala” capazes de produzir efeitos modalizadores diferenciados para a enunciação.

Como se sabe, de acordo com a Teoria dos Atos de Fala TAF, postulada pelo filósofo inglês John Austin, em 1962, a enunciação é marcada por três atos complementares: a) locutório ou locucionário: produção de uma série de sons dotados de um sentido numa língua específica; b) ilocutório ou ilocucionário: correspondente à ação – ordem, promessa, agradecimento, etc. – que pode ser realizada por

¹² Tais construções foram extraídas do *corpus* do projeto Variação Lingüística do Estado da Paraíba -VALPB, coordenado pelo Prof. Dr. Dermeval da Hora de Oliveira. O *corpus* do VALPB foi publicado em cinco volumes, que foram distribuídos com base na variável “anos de escolarização, a saber: *Volume I* – Informantes com nenhum ano de escolarização; *Volume II* – Informantes de 01 a 04 anos de escolarização; *Volume III* – Informantes de 05 a 08 anos de escolarização; *Volume IV* – Informantes de 09 a 11 anos de escolarização; *Volume V* – Informantes com mais de 11 anos de escolarização.

meios languageiros; c) perlocutório ou perlocucional: a reação ao que fora gerado por intermédio do ato ilocucionário.

Atrelada a essa teoria reside a noção de ‘força ilocucionária’, responsável pela forma por meio da qual a mensagem deve ser entendida pelo seu interlocutor. Diz-se, então, que é a essa força que se deve o conjunto de atos de fala e, por extensão, os vários efeitos discursivos veiculados por uma CLC(D), facilmente identificados nos textos orais¹³. Para observação desses aspectos, optou-se por adotar uma classificação que, embora não esteja imune a críticas, ao menos questiona a natureza desses atos a partir das especificidades das forças ilocucionárias, na tentativa de justificar a diversidade de atos reconhecidos.

Dessa forma, apesar de se reconhecer o valor das diversas classificações dos atos de fala, para este estudo, lançou-se mão da taxinomia dos atos ilocucionários proposta por Searle (1969, 2002) e, simultaneamente, das observações de Vanderveken (1985) acerca da tipologia de graus de intensidade das forças ilocucionárias.

Ora, considerando o fato de as CLC(D)s serem capazes de veicular efeitos modalizadores, adotou-se o posicionamento de Pierre (1992), para quem tal efeito é interdependente da força ilocucionária.

A aplicabilidade desse trílogo teórico-conceitual exigiu que a explicitação dos efeitos observasse os graus de intensidade pertinentes às respectivas forças ilocucionárias presentes nos atos, em consonância com a descrição da esfera caracterizadora da contextualização discursiva tratada, se da informação, da avaliação ou da ação (Chabrol, 2001)¹⁴. Uma vez apresentada a diretriz metodológica adotada

¹³. Na verdade, a noção de força ilocucionária ocupa um lugar especial no bojo dessas reflexões, seja quando se tenta classificar os atos de fala, seja quando a atenção se volta para o desmistificar das várias instâncias modalizadoras inerentes a esses atos ou a uma contextualização discursiva como um todo. A propósito, pode-se dizer que em todos os empenhos em classificar os atos de fala, entre eles o do próprio mentor da teoria - Austin -, a noção de força ilocucionária sempre se faz presente, posto ser entendida como diretriz motivadora da ação empregada com um fim específico.

¹⁴ Chabrol (2001) afirma a existência de cinco esferas discursivas de atos de fala - da informação, da avaliação, interacional, acional e contratual. No *corpus* deste estudo, caracterizado por ser um conjunto de entrevistas, foram identificadas ocorrências de CLC(D)s apenas em três dessas esferas: a) *avaliação*: marcada pela avaliação de um locutor frente a uma proposta

LÉXICO E SEMÂNTICA

neste estudo, urge destacar, agora, as informações teóricas relevantes.

No geral, Searle (1969; 2002) observa a natureza dos atos a partir da caracterização de suas forças ilocucionárias. Tais especificidades são observadas mediante: 1) o propósito do (tipo de) ato; 2) a direção do ajuste entre as palavras e o mundo; 3) os estados psicológicos expressos; 4) a força com que o propósito ilocucionário é apresentado; 5) o estatuto do falante e do ouvinte relativo à força ilocucionária da emissão; 6) o modo como a emissão se relaciona com os interesses do falante e do ouvinte; 7) as relações com o resto do discurso; 8) o conteúdo proposicional determinado pelos dispositivos indicadores da força ilocucionária; 9) os atos que devem sempre ser atos de fala e os que podem, mas não precisam, ser realizados como atos de fala; 10) os atos que requerem e os que não requerem instituições extralingüísticas para sua realização; 11) os atos em que o verbo ilocucionário correspondente tem um uso performativo e aqueles em que isso não acontece; 12) o estilo de realização do ato ilocucionário.

Para o autor, os atos ilocucionários se definem em: *assertivos*, *diretivos*, *compromissivos* e *expressivos*. Por não conseguir incluir todos os atos nessas quatro classes, fez valer uma outra tipologia – a das *declarações* – para comportar os casos, “... em que se faz existir um estado de coisas ao declarar-se que ele existe, casos em que “dizer faz existir” (Searle, 2002, p. 25).

Os *assertivos* são os atos que comprometem o falante com a verdade expressa, sendo seus membros avaliados como “verdadeiro” ou “falso”.

Os *diretivos* são aqueles cujo propósito ilocucionário valida uma tentativa do falante em fazer com que o ouvinte realize uma a-

(sua ou do interlocutor), em conformidade às normas deônticas, de saberes epistêmicos ou da coerência enunciativa / argumentativa; b) *informação*: incluem-se, aqui, as descrições, as explicações e/ou exemplificações e, nesse caso, o que está em jogo é a verdade ou falsidade da denotação referencial; e c) *ação*: incitar funciona como palavra de ordem, ora enquanto motivadora (ou não) da ação alheia, ora como forma de engajamento do próprio falante na execução (ou não) de uma dada ação.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ção futura. Entre os verbos caracterizados como dessa classe, estão os seguintes: ask (pedir) e order (ordenar).

A classe dos *compromissivos* diz respeito aos atos caracterizados por um grau específico de comprometimento do falante com alguma linha de ação futura.

Já os *expressivos* representam atos que denotam a expressão de um estado psicológico. São exemplos: thank (agradecer), congratulate (congratular) e apologize (desculpar-se).

Quanto às *declarações*, diz-se que sua principal característica é a de que, quando bem-sucedidas, garantem a correspondência entre o conteúdo proposicional e a realidade. Ao nomear com sucesso X para secretário (de uma empresa), por exemplo, X é o secretário.

É possível mesclar tal classificação às convicções de Vanderveken (1985), para quem qualquer proposição (**P1**), proferida em um dado contexto, carrega uma força ilocucionária que se realiza em um ponto específico, sob um grau **X** de intensidade. Indubitavelmente, o compromisso de um falante ao jurar a execução de uma ação futura é maior do que quando ele apenas aceita fazer tal ação.

Igualmente, ao usar as CLC(D)s, o falante pode empreender uma força ilocucional com nível **X** de intensidade e gerar um grau de adesão maior (ou menor) ao que explicita, sobretudo avaliando algo e, nesse peculiar, um efeito modalizador se configura.

Como o interesse, aqui, não é esclarecer todas as observações de Vanderveken (1985) acerca das características dos graus de intensidade dos pontos ilocucionais, eis ao menos como esses graus são representados formalmente: **0** é o grau médio ou nulo de intensidade (asserções); **+1** representa o grau de intensidade mais forte imediatamente superior (atos emitidos por testemunhas); **+2** é o próprio grau; **-1** representa o grau imediatamente mais fraco do que o **0** (o das conjecturas, por exemplo) e assim por diante.

Baseada nessa categorização, uma formalização para os graus de intensidade inerentes às forças ilocucionárias das CLC(D)s identificadas no *corpus* é a seguinte: **+1**, enquanto forma de representação do grau máximo de intensidade de um ponto ilocucional, vai marcar atos de fala cujo efeito é + acentuado; **0**, sendo o grau médio ou nulo

LÉXICO E SEMÂNTICA

de intensidade, caracteriza as forças ilocucionárias dos atos que, independentemente das esferas onde se originam, veiculam avaliações ou opiniões equilibradas; **-1**, como grau imediatamente mais fraco que o nulo (**0**), determina a força ilocucionária de atos cuja instância discursiva é menos acentuada.

Essas observações de Vanderveken (1985) permitem evidenciar que o grau de intensidade inerente à força ilocucionária expressa na(s) CLC(D)s pode trazer à tona diferentes efeitos modalizadores¹⁵, ainda que muitas vezes estes passem despercebidos, como ocorre no seguinte exemplo apontado Neves (2002, p. 175): “... o curso de Pedagogia daria *possibilidade* como o caso de Orientação Educacional”

No exemplo, a estudiosa assinala o uso de um nome modalizador como objeto de verbo suporte, o que, sob a ótica adotada neste estudo, representa um exemplo típico de uma CLC(D). Como se vê, há um tipo de modalização que não é tão discursivamente percebida, mas incide sobre parte de um enunciado.

Também em “A conseqüência ÓBVIA é a total desinformação sobre problemas de saúde”, Neves (2000, p. 188) sugere uma modalização, caracterizada como epistêmica (veiculando uma eventualidade), cuja incidência recai apenas sobre o sintagma nominal “conseqüência”.

Conforme Cervoni (1989), pode-se falar também de uma modalidade parcial. O estudioso defende uma tipologia segundo a qual é possível se diferenciar o que é tipicamente modal, do que é modal e do que é preferível (ou vantajoso) excluir do campo das modalidades.

¹⁵ Historicamente, pode-se falar na existência de três tipos de modalidade/modalização: a *alética*, a *deôntica* e a *epistêmica*. A primeira reporta ao eixo da existência, à verdade do conteúdo proposicional, é lógica, por excelência; as segundas relacionam-se ao eixo da conduta e ao grau de adesão do falante frente ao enunciado, respectivamente. Nos dias atuais, pode-se falar, também, em um outro tipo de modalidade, cuja terminologia não está totalmente estabilizada, como sendo aquela que destaca a emissão de um juízo de valor e/ou reações emotivas por parte do falante. Para Castilho e Castilho, denomina-se de *afetiva*; para Koch (1987), caracteriza-se como *modo axiológico*; neste, preferiu-se tratá-la como *avaliativa*, em função de esta ir além da expressão emocional do falante em relação ao enunciado, indicando uma avaliação e, simultaneamente, a forma como a proposição deve ser entendida pelo interlocutor.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Desse modo, o autor subcategoriza a modalidade em dois grupos principais: a) o “núcleo duro”: “constituído por tudo que traz as noções que figuram nos quadrados aléticos, deônticos e epistêmicos” (62). Aqui, inclui as modalidades proposicionais e os auxiliares de modo, considerando que estes apresentam significativamente um significado modal que é perfeitamente explícito; b) “modalidade impura”: reúne “os casos em que a modalidade é implícita ou mesclada num mesmo lexema, num mesmo morfema, numa mesma expressão, a outros elementos de significação”. (68)

Ao falar nos performativos, Cervoni (1989) registra que estes trazem à baila a relação entre modalidade e ilocutório, validando que os lexemas verbais caracterizados por uma modalidade são, em sua maioria, performativos. Porém, o autor trata como performativos apenas os seus casos típicos, ou seja, aqueles em que há uma forma verbal na 1ª pessoa do singular e cujas enunciações realizam as ações denotadas (“Eu juro que ...= juramento, por exemplo).

De acordo com os trabalhos de Austin, esses casos são tidos como ‘performativos explícitos’, em oposição àqueles classificados como ‘performativos implícitos’. Genericamente, Cervoni (1989) destaca que, embora muitos autores subordinem a relação entre modalidade e ilocutório, seja considerando aquela como secundária ao ato, seja a idéia contrária, modalidade e ilocutório podem ser considerados fenômenos autônomos. Como dito outrora, neste artigo, preferiu-se considerar que o grau de adesão e/ou atitude do falante em relação à emissão de um enunciado qualquer pode ser expresso via elementos modalizadores e caracterizar tais elementos em virtude das respectivas forças ilocucionárias que lhes são inerentes.

Uma vez apresentados os sobreavisos teóricos pertinentes, eis informações sobre a análise efetuada.

Para a análise das CLC(D)s como veiculadoras de efeitos discursivos e, por extensão, de atos ilocucionários, julgou-se lúcido tratar apenas duas dimensões de variação – o *propósito do (tipo) de ato*

LÉXICO E SEMÂNTICA

e a emissão da força – apontadas por Searle (1969, 2002), quando da classificação dos atos ilocucionários¹⁶.

Constatou-se, com base nas contextualizações observadas, que os efeitos modalizadores veiculados pelas CLC(D)s são depreendidos numa fusão do propósito discursivo e do grau de intensidade da força ilocucionária inerentes ao ato. Após observação desses aspectos, foram identificados os seguintes atos ilocucionários:

1) *Assertivo valorativo equilibrado*: apresenta uma avaliação como propósito discursivo e é caracterizado pelo grau **0** de intensidade da força ilocucionária:

(01) E* O que a senhora faz todo dia?

I* Todo dia? Eu num eu num, minha filha, tem dia que eu num faço nada. Tem dia que eu passo mais i dia sentada. Agora tem dia que eu costuro muito, faço roupa, confecciono roupa e:: e ajeito aí alguma coisa no armário, né? Mias tem dia que eu também num *dou conta* nem de mim. (VALPB, Vol. II, p. 207, L. 27)

2) *Assertivo valorativo acentuado*: apresenta uma avaliação como propósito discursivo e é caracterizado pelo grau **+1** de intensidade da força ilocucionária:

(02) E* Vânia, como eram seus professores?

I* Num *dava tanta liberdade* pra gente como era assim :: sei que e-le] :: que eles separava a turma assim num sabe, era meio rígido, e tinha um professor nosso que ele era muito bom (...) (VALPB, Vol. IV, p.153, L.18)

3) *Assertivo valorativo - acentuado*: apresenta uma avaliação como propósito discursivo e é caracterizado pelo grau **-1** de intensidade da força ilocucionária:

(03) E* E Tereza, como as mulheres são tratadas no seu setor de trabalho?

¹⁶ As demais dimensões de variação ora adentram em limites típicos da Semântica Formal, ora priorizam especificidades dos verbos ilocucionários da Língua Inglesa que, em Português, não apresentam igual relevância, notadamente em relação à descrição das CLC(D)s. Além disso, sabe-se que, durante a emissão de um ato de fala, alguns dos critérios tratados pelo autor parecem indissociáveis, de modo que um não existe sem o outro e, por isso, tais dimensões foram observadas conjuntamente.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

I* Sabe como é, os home0 sempre *dar assim uma chegadinha*, sempre ficam enxiridinho, bem assanhadinho quando vê mulher. (...) (VALPB, Vol. II, p.163, L. 39)

4) *Assertivo valorativo subjetivo equilibrado*: apresenta uma avaliação configurada como ‘opinião’ e é determinado pelo grau **0** de intensidade da força ilocucionária:

(04) E* E sua época de infância, como é que foi?

I* Eu não queria ser crente, eu não *dou valor* a ser crente. {inint} (VALPB, VOL. II, p. 135, L.27)

5) *Assertivo valorativo subjetivo + acentuado*: apresenta uma avaliação configurada como ‘opinião’ e é determinado pelo grau **+1** de intensidade da força ilocucionária:

(05) E* O que você acha que deveria ser feito pra valorizar mais os times da terra?

I* Eu acho que deveria *dar mais incentivo* (...) (VALPB, Vol. V, p. 45, L. 33)

6) *Assertivo valorativo subjetivo - acentuado*: apresenta uma avaliação configurada como ‘opinião’ e é determinado pelo grau **-1** de intensidade da força ilocucionária:

(06) E* O que você acha que o Governo deveria fazer por essas pessoas?

I* Dando:: você dando estudo direito e: com tempo só entraria [da] *daria emprego* às pessoas capacitadas. (VALPB, Vol. V, p. 40, L. 38)

7) *Compromissivo equilibrado*: a promessa responde pelo seu propósito discursivo e o grau de sua força ilocucionária é **0**:

(07) E* Por quê (*não tem medo do futuro*)?

I* Eu gostaria muito de montar uma empresa, fazer ser uma administradora que *dê atenção* as pessoas ao consumidor, aos empresários, mas eu acho que vai tá sendo muito difícil pra mim (...), (VALPB, Vol. V, p. 113, 01)

8) *Compromissivo - acentuado*: a promessa representa seu propósito ilocucionário e o grau de sua força ilocucionária é **-1**:

(08) E* : Se a sñora pudesse, o que mudaria nesse mundo?

I* : Qui a palavra qui mais eu tẽo ódio na mĩa vida é essa palavra i(trupa@ado@. * E esses infelizes, eu *dava um fim* a todos eles.* E eu *dava um jeito* de acabar com isso, que eu acho que e muito difícil apare-

LÉXICO E SEMÂNTICA

cer quem acabe, viu? Eu *dava fim* a essa cabroeira safada todinha que tem no mundo (...) (VALPB, Vol. I, p. 193, L.27, 38 , p.194:08)

9) *Expressivo valorativo acentuado*: apresenta uma avaliação como propósito discursivo e é caracterizado pelo grau **+1** da força ilocucionária:

(09) E* Germana, o que você acha do homossexualismo?

I* (...) Quando eu passo assim lá no Parque Sólon de Lucena (em João Pessoa) que vejo ali na Maciel Pinheiro (rua de João Pessoa), me *dá um desgosto muito grande* (...) (VALPB, Vol. III, p. 115, L.25)

10) *Expressivo valorativo subjetivo equilibrado*: apresenta uma avaliação configurada como ‘opinião’ e é determinado pelo grau **0** de intensidade da força ilocucionária:

(10) E* Tem vontade de deixar o país? Por quê?

I* (...) É um país que me *dá vergonha* de ser brasileiro. (VALPB, Vol. IV, p. 81, 06)

11) *Diretivo avaliativo equilibrado*: incita uma avaliação do informante sobre algo e é marcado pelo grau **0** da força ilocucionária, como no exemplo seguinte:

(11) E* Ele já *deu algum problema* no colégio?

I* Não, não, nunca recebi queixa dele não (...) (VALPB, Vol. III, p. 164, L. 35)

12) *Diretivo avaliativo + acentuado*: incita uma avaliação do informante sobre algo e é marcado pelo grau **+1** da força ilocucionária, como no exemplo seguinte:

(12) E* Você acha que o Brasil tem condições de *dar mais emprego* ao povo?

I* Emprego existe, agora resta só o governo procurar escolher as pessoas capacitadas, né? (VALPB, Vol.V, 40, L. 05)

Com base nos exemplos acima, pode-se afirmar: a) os atos assertivos, embora os menos marcados lingüisticamente, são os mais produtivos no discurso ordinário; b) os compromissivos (- *acentuados*) apresentam uma estrutura lingüística comum: verbo no passado com valor funcional de futuro + ação nominalizada; c) os expressivos se caracterizam por um nome constituinte que, por si só, evidencia um estado psicológico; d) os diretivos, ao recuperar os aspectos

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

entoacionais que lhes são inerentes, já configuram a sua marca primeira de direcionar a atuação do outro.

A par dessa classificação, um entrelaçamento com as modalidades lingüísticas pode ser efetuado.

No âmbito da modalidade avaliativa, incluem-se os atos de fala assertivos valorativos evidenciados, em função de este tipo de modalidade assinalar uma avaliação do falante frente ao que está comentando, um determinado julgamento de valor, excluindo-se as referências aos eixos deôntico e epistêmico.

No campo da modalidade deôntica, encontram-se os diretivos e os compromissivos tratados, entendendo-se, então, que a modalidade deôntica vai além daquilo que normalmente a caracteriza nos compêndios de Lingüística, em que é comum a referência à efetivação de atos diretivos *strictu sensu*, ou seja, aqueles que prevêm a atuação do ‘outro’. Em outras palavras, neste estudo, a noção de diretivo foi redimensionada segundo a posição de Neves (2002), que prevê também a atuação do próprio falante.

Por fim, no terreno da modalidade apreciativa, estão os atos expressivos, nos termos de Cervoni (1989), que caracteriza tal modalidade como uma subclasse da avaliativa. Esses atos, ao, veicularem um determinado estado psicológico, reportam a reações específicas de emoções, como por exemplo, as lamentações.

À guisa de considerações finais, pode-se afirmar que a análise acima tratada, ao validar a idéia de que as CLC(D)s veiculam atos de falas instauradores de efeitos modalizadores distintos no interior de um texto, confirma a máxima austiniana do “dizer é fazer” e o entendimento de uma performatividade generalizada.

No mais, em sendo uma análise de natureza pragmática, convém registrar que a tipologia aqui proposta não é nada fechada, afinal, seria pouco inteligente conformar-se definitivamente com uma metalinguagem particular. Mesmo porque explicar “na Pragmática necessariamente passa por uma série de questões que não dizem respeito à língua *stricto sensu*, e que, no entanto, fazem qualquer esforço de abordar a linguagem no seu aspecto irredutivelmente social (Rajagopalan, 2002, p. 93).

LÉXICO E SEMÂNTICA

REFERÊNCIAS

ALVES, Eliane Ferraz. *Construções lexicais complexas com o verbo levar*. Tese de doutorado. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFPE, 1998.

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford: Clarendon Press, 1962.

CHABROL, C. Por uma classificação dos atos de fala. Tradução de Hugo Mari e Renato de Mello. **In:** MARI, Hugo et al. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2001.

HORA, Dermeval da e PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro (Orgs.). *Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba - VALPB*. Volumes I, II, III, IV e V. João Pessoa: Idéia, 2001.

KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1987.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

———. A modalidade. **In:** KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça (org.). *Gramática do português falado*. 2ª ed. rev. Campinas: UNICAMP. (Série Pesquisas), 2002.

RAJAGOPALAN, K. Sobre a especificidade da pesquisa no campo da pragmática. **In:** *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas: UNICAMP, 2002, p. 89-97.

SAINT-PIERRE, M. *La modalisation em français parlé: une analyse informatisée*. Canadá: Université du Quebec à Montreal, 1992.

SALOMÃO, M. M. M. *Polyssemy*. Aspect and modality in Brazilian Portuguese. The case for a cognitive explanation of grammar. Tese de doutorado. University of California at Berkeley, 1990.

SEARLE, J.R. *Speech acts: an essay in the philosophy of language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

———. *Expressão e significado: estudos da teoria dos atos de fala*. Tradução de Ana Cecília G. A. de Camargo e Ana Luiza Marcondes Garcia. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

VANDERVEKEN, Daniel. O que é uma força ilocucional? **In:** DASCAL, Marcelo (Org.) *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Encontro Internacional de Filosofia da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 1985, p. 173- 179.